

MACHOS NÃO-NORMATIVOS DO BAIRRO LIBERDADE: DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA O INGRESSO NO MUNDO FORMAL DO TRABALHO. – RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Marcus Vinicius Alves de Souza

*Bacharel em Serviço Social da Instituição São Salvador - FSSAL,
marnycyws@hotmail.com;*

Jamille Araújo

*Professora orientadora: Mestra em Educação e Contemporaneidade
pelo PPGEDU/UNEB, Assistente Social formada pela Universidade
Católica do Salvador - UCSAL, jamilleasbs@gmail.com.*

Resumo

No processo enquanto essência LGBTQIA+, negro, morador do bairro Liberdade, Salvador-Bahia, e me considerar um macho não-normativo, a ideia do tema surgiu de acordo com a minha realidade enquanto sujeito, me despertando a pesquisar sobre o assunto no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no qual fiz uma correlação de que o fenômeno se trata de uma das manifestações da Questão Social, cujo é objeto de estudo / trabalho do Assistente Social. O tema proposto é de extrema relevância, pois, a nossa sociedade é heteronormativa; cria padrões, normas e comportamentos ditos como naturais, corretos e morais, portanto, identifiquei alguns pontos de exclusão e preconceitos, que dificultam o acesso desses machos não-normativos para o ingresso no mundo formal do trabalho. Vale enfatizar que não deu tempo de discutir a temática de forma mais aprofundada, pois o período previsto para realizar um trabalho de conclusão de curso não permite um aprofundamento teórico para essas discussões, então, gostaria de discutir o tema de forma minuciosa e crítica, em um futuro mestrado, cada um desses fatores.

É importante salientar que realizei um release de alguns conceitos e categorias teóricas no período de graduação, que pretendo estudar, desenvolvido de forma germinal durante os quatro anos de estudos. Espero, de fato, poder aprofundar essa pesquisa, ou seja, tenho bastante interesse, pois é uma pesquisa que parte do meu lugar no mundo enquanto ser social, e que a minha relação com a profissão, no meu processo de formação profissional, amadureceu a minha análise do lugar onde vivo, de quem sou... Isto é, a graduação me possibilitou pensar a minha sexualidade e pensar a sexualidade das pessoas ao redor do meu bairro, sempre realizando um recorte racial e um olhar interseccional.

Palavras-chave: Machos, Não-normativos, Liberdade, Trabalho.

Introdução

Abordar temas relacionados à sexualidade humana é um trabalho e tanto. A complexidade e ramificações engendradas em temáticas como esta, ainda se restringem aos dos muros acadêmicos e/ou, quando explanadas pela mídia, são emitidas de maneiras limitadas para o público que estuda e pesquisa essa área, ou seja, a linguagem é excessivamente formal e rebuscada. É preciso utilizarmos, ao menos, um pouco, o “linguajá” da comunidade, ainda mais quando direcionamos pesquisas para o nosso povo que reside nas vielas e comunidades do Brasil e são visivelmente marginalizados, por não seguirem tais normativas sociais.

É tão mais prazeroso ter um indivíduo que nos represente academicamente, digo no sentido de vivenciar, de fato, passar na pele, como dizem, e saber a essência dos reais determinantes que violam os nossos direitos e deveres sociais, sem naturalizá-los. Por conta desse auto incômodo, que também são de muitos, me sentir no direito de rebelar, através da escrita, já que tive a oportunidade de realizar uma graduação, no qual ainda muitos permanecem sem oportunidades nesses espaços, por várias variáveis sociais envolvidas.

Apesar de a temática ser considerada “modinha”, algo corriqueiro ou termos muitas literaturas ligadas a tratar de assuntos direcionados para público LGBTQIA+ muito embranquecido, digo, com precisão, e bastante delimitação que, o assunto a ser tratado nos capítulos e sessões deste trabalho, é muito pouco abordado, sabe por quê? Simplesmente, na maioria da literatura, abordam-se temas com o objetivo, bastante claro, de nomenclaturar e criar novas siglas para incluir na bandeira do arco-íris. Quero deixar bastante claro que não tenho o desejo ou intuito de atacar a sigla, mas acho que, muitas vezes, essas letras servem, apenas, para hierarquizar, sem nos darmos conta disso.

Trazer o tema “machos não-normativos, residentes do bairro Liberdade...”, Salvador-ba, clarifica que irei tratar, especificamente, de pessoas que nasceram com o falo, mesmo algumas não o possuindo, simbolicamente, mas sim, biologicamente, pois não nascemos homem nem mulher; é apenas uma construção social, pois existem vários determinantes intersubjetivos, que não seguem as normas dos héteros, ou seja, irei focar nas dificuldades que esses machos sofrem,

por serem majoritariamente negros, e ter uma identidade de gênero não-hétero com expressões de gênero fora dessa hegemonia.

Essas dificuldades repercutem e se agrava no momento em que esse público busca oportunidades no campo formal do mundo do trabalho, precarizando, ainda mais, a sua vivência em sociedade. Antes de entrarmos, de fato, a escrever e explicar, historicamente, as causas e consequências dessas exclusões, Eu preciso deixar claro e objetivo, sem vitimizações, que sou uma “isca” fragilizada e repleta de violações e violências durante os meus 31 anos de vida. Considero-me forte, em muitos aspectos, mas, ao mesmo tempo, entristecido, por não haver uma equidade social; somente descrita nos papéis da constituição, e por ai vai... é algo que me infringe e me inferioriza nas seleções de empresas e nos caminhos da vida... O sofrimento é acumulativo e diário, com muitos danos psíquicos, que somatizam para o meu corpo e dos meus, cotidianamente. Os machos não-normativos, independentemente de se autodeclararem homens, trans ou não seguir o binarismo, sofrem de acordo com a intensidade de suas próprias intersecções.

Metodologia

Neste item, faz-se necessário informar os métodos que serão utilizados para a realização da pesquisa, além de dar embasamento para mostrar que, de fato, existe uma quantidade significativa de indivíduos vivendo em situações de vulnerabilidades semelhantes, sem descartar as suas singularidades.

Será utilizada, na forma de abordagem, a coleta de informações, de maneira qualitativa.

De acordo com Sena (2009, p.132):

A pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas que contribuem para a descoberta de fenômenos, tais como a observação participante, pesquisação, análise de conteúdo e estudo de caso, dentre outros. A pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, pois a pesquisa é entendida como uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. O pesquisador

deverá, porém, expor e validar os meios e técnicas adotados, demonstrando a cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos.

Faremos, com esses machos não-normativos, coleta de dados qualitativos, ou seja, verificar, através de um olhar de totalidade, as principais questões que os levam e/ou os conduzem a viverem naquela realidade social, de forma “estagnada”. Portanto, os dados qualitativos são importantes, também, para extrairmos questões intersubjetivas desses indivíduos.

O método teórico que será utilizado nesse ramo de pesquisa será o Método em Marx (Materialismo Histórico Dialético), justamente por se tratar de uma base filosófica que explica as expressões sociais através da lógica capitalista, cujo influencia na construção da realidade dos indivíduos que vivem em sociedade. Conforme Marconi; Lakatos (2003, p.107) o materialismo histórico dialético se define como sendo:

o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Essa teoria nos ajudará a identificar que o meio social influencia para que determinados grupos sociais sejam exaltados e outros inferiorizados ou, até mesmo, excluídos.

O tipo de pesquisa utilizada, primeiramente, foi através de um estudo bibliográfico “[...] que é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.158), acoplando autores que tenham ideais que contemplem o meu tema, resultando numa convergência.

Farei uma pesquisa de campo que é “[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186). Através da pesquisa de campo, utilizarei alguns instrumentos para a coleta de dados, sendo a entrevista semiestruturada a primeira delas. Conforme Marconi; Lakatos (2003, p.197):

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal, através de entrevistas e aplicações de questionários objetivos.

Como sendo um segundo interessante instrumento para o tema proposto, o estudo de caso servirá para identificarmos outras causalidades e variáveis envolvidas nas histórias dos indivíduos machos não-normativos que participarem dessa pesquisa, por se tratar de um tipo de:

Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerando o representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. (SEVERINO, 2007, p.121).

Em relação à amostragem, que será realizada na rua principal do bairro da Liberdade, Rua Lima e Silva, totalizam 30 machos não-normativos, sendo que, deste total, farei um estudo de caso com 15 machos não-normativos.

Referente aos sujeitos envolvidos na pesquisa serão justamente os machos não-normativos, residentes do bairro Liberdade, Salvador-Ba, moradores das comunidades dessa localidade e, que vivenciam, cotidianamente, os reflexos das desigualdades sociais por não seguirem determinados padrões estabelecidos pela nossa sociedade. Por conta disso, é necessário estabelecer contato com esses sujeitos, utilizando a análise de conteúdo, a fim de compreender, numa perspectiva qualitativa, a realidade e os “Porquês” ocorrem essas discriminações no mundo do trabalho. A análise de conteúdo proporcionará a capacidade de analisar a problemática de forma mais minuciosa, respeitando, ao máximo, a singularidade de cada um por ser “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento [...]” (BARDIN, 1977, p.09).

Referencial teórico

Na antiguidade, a sexualidade era tratada de forma livre, sem haver repressões ditando o que é correto ou incorreto. Um exemplo

claro era como os espartanos se relacionavam afetivamente e/ou sexualmente na Grécia Antiga, além das cerimônias voltadas para o Deus Baco, na Roma Antiga, onde ocorriam vários encontros sexuais grupais, considerados sagrados. A ideologia heteronormativa foi construída a partir da influência Ocidental, ocorrendo limitações para expressar a sexualidade, ocasionando num rápido “controle” social. Para Foucault (1988, p.9), “Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada”.

A partir do momento em que o meio social passou a ditar que ser homem e ser mulher estava ligado ao sexo biológico, as questões intersubjetivas não foram levadas em conta no processo de construção da identidade sexual. Normatizar foi uma estratégia para tentar extinguir as demais sexualidades, deixando, apenas: “O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio” (FOUCAULT, 1988, p.9).

Diante disso, é possível perceber que, os indivíduos que não fazem parte dessa padronização social, proposta pela hegemonia heteronormativa, podem sofrer sérias consequências, em quase todos os âmbitos sociais, inclusive em relação ao processo de inserção no mercado formal do mundo do trabalho. Os machos não-normativos do bairro Liberdade fazem parte do fenômeno do desemprego contemporâneo, assim como toda a população que sustenta a base da pirâmide social, mais podem ser atingidos de forma mais perversa e excludente. De acordo com Filho (1975 p. 35-39):

O trabalho é um dos maiores valores para o ser humano, não só porque permite sua subsistência, mas porque o insere na sociedade. Todo homem tem o direito de exercer uma atividade útil, a si, à sua família, e à sociedade como um todo, mediante justa remuneração. (apud SALVADOR, 2017, p.295).

Para vivermos no modo de produção capitalista, dignamente, é necessário trabalhar para, pelo menos, termos o básico em relação ao nosso auto-sustento. Segundo o IBGE (2020), no trimestre do mês de outubro de 2020, fechamos com 14,1 milhões de desempregados, ou seja, houve um aumento de 7,1% em relação ao trimestre terminado em junho de 2020. “Em pleno século XXI. mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para

sobreviver e encontram, cada vez mais situações instáveis, precárias ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego” (ANTUNES, 2008, p. 25).

É importante ressaltar que, quando pararmos para verificar estudos quantitativos de quaisquer temáticas, temos um olhar interseccional, justamente para não generalizarmos e analisarmos o fenômeno de maneira superficial. É óbvio que dentro desses 14,1 milhões de desempregados, existe uma pluralidade e diversidade de seres humanos. Pesquisas mais detalhadas, principalmente voltadas para o público LGBTQIA+, surgem de tempos em tempos, talvez pela falta de sensibilidade social, por conta da própria hegemonia heteronormativa.

Uma das pesquisas mais recentes, realizada em 2020 pelo coletivo #VoteLGBT, UNICAMP e a Universidade Federal de Minas Gerais, revelou que 21,6% dos LGBT's estão desempregados, sendo que o índice informado pelo IBGE no período de 2020 era de 12,2%. É algo bastante preocupante e assustador, no qual deve ser considerado como uma das expressões da Questão Social que é “(...) apreendida como elemento transversal à formação e ao exercício profissional pressupõe não perder o vínculo com a sua gênese comum e com os processos sociais a ela relacionados” (TAVARES; DELGADO, 2019, p. 104).

Pensar na relação desses machos não-normativos como uma expressão da Questão Social, é trazer elementos de cunho racializador para estudarmos esse fenômeno, pois estamos lidando, antes de tudo, com questões étnico-raciais. O bairro da Liberdade é majoritariamente negro e, segundo o IBGE (2018), 64% dos desempregados são negros, por conta disso, pode quadruplicar a inserção desses machos não-normativos, no mercado de trabalho formalizado. De acordo com Santos (2008, p.26):

Compreender a “questão social” como expressão das desigualdades sociais oriundas do modo de produção capitalista é uma clara inflexão nos fundamentos do debate instaurado pelas ciências sociais. Este toma como argumento central para a abordagem da “questão social”, as mudanças nas formas de “solidariedade” ou “coesão social”, donde desaparecem as conexões mais essenciais da constituição desses valores como complexos historicamente determinados da sociabilidade.

Sendo assim, a pergunta de partida que estará norteando essa pesquisa é: ***Quais as dificuldades enfrentadas pelos machos não-normativos, moradores do Bairro da Liberdade, em relação ao mundo formal do trabalho?***

Resultados e discussão

Pretendo dar continuidade a pesquisa, como informei no resumo deste trabalho, realizando um grupo focal, com aplicações de questionários semiestruturados, que inclusive estão prontos. Não os apliquei, pelo fato do contexto pandêmico da COVID-19, justamente quando estava na fase de finalização do TCC, mas darei continuidade e estarei pronto para realizar várias etapas, com o objetivo de mudar a realidade desses machos não-normativos.

Considerações finais

Diversificar a diversidade sexual e de gênero, considerando as singularidades e subjetividades de cada sujeito, representará uma grande conquista daqui a algumas décadas, pois, limitar a heterogeneidade humana somente ao sexo biológico, exclui, e causa vários impactos negativos para quem sofre a opressão.

Sei, também, que não é algo que ocorrerá de um dia para uma noite; é um trabalho de “formiguinhas”, como dizem. E todos que estão a frente dessas mudanças têm que ter um olhar amplificado e interseccional, pois há diferenças nos tipos de violências e preconceitos, mesmo tendo grandes semelhanças em alguns grupos que vivem em situação de vulnerabilidade social. É fato que nós, pretos, sofreremos mais, pois não temos privilégios, ainda mais quando se trata de um macho não-normativo com gestuais considerados femininos: o macho preto é animalizado como indivíduos robustos, brutos e fortes...por isso a particularidade de se estudar com mais delicadeza e representatividade os machos não-normativos pretos que residem em comunidade, mais precisamente no Bairro da Liberdade (Salvador-BA).

No meu caso, mesmo sendo um não-normativo preto, morador de comunidadee afeminado, irei sofrer uma menor parcela de LGBTfobia em relação a um macho não-normativo preto, igual a mim, feminilizado, mas com uma pele mais retinta...mesmo na mesma realidade, as questões racializadoras intensificam-se mais em alguns do que em

outros (pigmentocracia). A noção de branquitude que os brasileiros têm em relação a ser negro é totalmente diferente da Europa e África, por exemplo. Gostaria de ter feito um trabalho mais minucioso, mas garanto que não faltará oportunidades para prosseguir e amplificar essa pesquisa bibliográfica em um futuro mestrado, no qual pretendo realizar. Precisamos alcançar todos os seguimentos de cargos nas empresas e ascender internamente dentro delas. A desconstrução ocorre dia após dia.

Precisamos ter equidade nos processos seletivos e levar em conta todo o contexto social, como machos não-normativos de comunidades. Os processos seletivos são muito embranquecidos e heteronormativos ainda! Estou concluindo a monografia do curso de Serviço Social, ou seja, uma graduação interdisciplinar da área de humanas, onde é uma ciência aplicada das Ciências Sociais, ou seja, podemos realizar trabalhos interventivos.

Gostei muito de ter me graduado neste curso, mas, também, tenho muitas críticas a fazer; as sutilidades homofóbicas dentro dessa formação são bastantes passadas “despercebidas”, pois, além de existir a feminização da profissão, ainda existe o conservadorismo da mesma. Muitos profissionais desta área ainda não aceitam contratar, nem mesmo como estagiário, um macho não-normativo e feminilizado como eu, muitas vezes. Passei por várias experiências constrangedoras, desde ficar em um estágio apenas por quatro dias e quebrarem o contrato “sem motivos”, até não receber pagamentos, sendo que todos haviam recebido, pelo fato de você ser visivelmente não-normativo.

Precisamos levar mais a sério a diversidade humana e entender como funciona a mesma, sem subjulga-la. Este tipo de ação deve começar dentro do ambiente intrafamiliar e nas escolas... Precisamos disso para modificar a visão estereotipada que temos dos nossos não-normativos, principalmente os que residem em comunidades. É de suma importância criarmos políticas públicas para os não-normativos pretos, tendo à frente não-normativos também pretos, que abraçam a causa e não se misturam com hegemônicos brancos para apontar, objetificar, exotificar, patologizar e hipersexualizar os nossos; justamente afim de incluir os não-normativos no mundo formal do trabalho, em massa, não apenas “gatos pingados” e estagnar os processos. Por fim, este trabalho foi um grande desabafo para mim e também me vejo como um porta-voz para os que naturalizam, mas

sofrem com todo esse sistema perverso e hierarquizador. Portanto, pretendo realizar, futuramente, várias ações e propagar esses materiais para que todos tenham acesso.

Agradecimentos

Agradeço a toda minha ancestralidade, mas, em especial, a mulher que colori o mundo:
Osùn, dona do meu orí.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 328p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAETANO, Bruna. IBGE: 64% dos desempregados são negros e informalidade alcança 47%. Brasil de Fato, 13/09/2019. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/13/ibge-64-dos-desempregados-sao-negros-e-informalidade-alcanca-47>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. **Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais**. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 18, n. 1, p. 78-95, Feb. 2014.

FOUCAULT, MICHAEL. Nós, vitorianos. In: _____. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**, 1988. Cap. 1, p. 9-18.

LANZ, Letícia. **O Corpo da Roupas**. 2014. 290 f. Trabalho de dissertação - Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná-UFP, Curitiba, 2014.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIMENTEL, Thais. Pesquisa da UFMG e Unicamp aponta que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa

da pandemia. G1 Minas, 02/09/2020. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2020/09/02/pesquisa-da-ufmg-e-unicamp-aponta-que-populacao-lgbt-esta-mais-vulneravel-ao-desemprego-e-a-depressao-por-cao-da-pandemia/> Acesso em: 14 dez. 2021.

SALVADOR, Tatiana F. **Sexualidade e trabalho: uma análise sobre a importância do respeito à diversidade sexual no ambiente do trabalho a partir da teoria de Acel Honnerh**. Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília, n.50, p.279-304, jul. /dez. 2007.

SANTOS, Josiane Soares. **Particularidades da “Questão Social” no capitalismo brasileiro**. 2008. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

SENA, Patrícia Mota. **Metodologia do trabalho científico**. Nupre, 2009.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

TAVARES, Márcia Santana; DELGADO, Josimara. **Diálogos Transversais no Serviço Social: Sobre rupturas e continuidades**. Salvador: EDUFBA, 2019. 332 p.